

SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: NARRATIVAS DE ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA EM SERRA-ES

Thiago Fernandes Madeira

Doutorando em Ciências Sociais – Universidade Federal do Espírito Santo – ES – thiago.fm@hotmail.com;

Maria Alayde Alcântara Salim

Professora orientadora – Doutora em Educação – Universidade Federal do Espírito Santo – ES – maria.salim@ufes.br.

Resumo

A sexualidade constitui uma questão polêmica no ambiente escolar e familiar, sendo que cada uma dessas instituições sociais têm a responsabilidade de formar, informar e orientar crianças e adolescentes sobre as descobertas e mudanças que ocorrem. Existem vários discursos acerca de sexualidade envolvendo a adolescência, contudo poucos são encontrados a partir da percepção dos próprios sujeitos, pretendeu-se, portanto, trazer à tona os sentimentos que são alimentados por estes, enquanto alunos e como essa vivência se processa. O arcabouço teórico teve como principal fonte de informações a teoria da sexualidade proposta por Sigmund Freud (1905) e Foucault (2014), analisada por outros teóricos, com o objetivo de identificar a percepção de alunos adolescentes do ensino médio sobre sexualidade no ambiente escolar, na família e religião. A metodologia utilizada foi um estudo de caso, com abordagem qualitativa, partindo da análise de descrição de dados de 12 alunos matriculados no ensino médio de uma escola da rede estadual no município de Serra, Espírito Santo. Os dados foram coletados a partir de encontros realizados em grupos focais para analisar o grau de conhecimento dos alunos sobre a temática e

definir os temas a serem desenvolvidos e discutidos nos grupos focais realizados com os sujeitos da pesquisa. A partir dos temas definidos nos grupos focais, a maioria dos adolescentes mostrou saber sobre a importância de discutir as questões sobre sexualidade na escola e na família, com opiniões firmes, claras e objetivas de que o assunto não é tratado de modo adequado nesses dois espaços.

Palavras-chave: Adolescência; Sexualidade; Percepção; Escola.

Introdução

O acelerado processo de transformações humanas e com as possibilidades mais amplas de acesso à informação, a expressiva mudança comportamental trouxe à tona a necessidade de discutir um assunto em evidência na atualidade e que a cada dia ganha maior relevância, a questão de sexualidade. O debate acerca da sexualidade e adolescência vem se tornando objeto constante na mídia, no meio acadêmico e no contexto escolar, mas ainda é abordado com limites, superficialidades e senso comum em função da resistência política e religiosa. No aspecto educacional, observa-se que a retirada dos termos sexualidade e identidade de gênero da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) merecem uma discussão aprofundada. É importante destacar a consideração de Nunes e Silva (2006, p. 73) afirmando que “a sexualidade transcende à consideração meramente biológica, centrada na reprodução e nas capacidades instintivas”.

Trazer para o cotidiano das escolas a discussão sobre sexualidade permite dar visibilidade ao tema, propor novas discussões sobre tabus¹ e normas condicionantes, frequentemente, naturalizadas pela sociedade patriarcal e heteronormativa. A literatura que discute a sexualidade nas ações da escola vem recebendo novas contribuições que indicam o crescente interesse acadêmico sobre o tema. Parte expressiva destes trabalhos, pautando-se nas obras de Freud (1905, 1977 e 2006), Nunes e Silva (2006); Rodrigues, Wechsler (2014); Silva e Brígida (2016) e Zornig (2008) demonstram que a perspectiva dos estudantes sobre o assunto é essencial para analisar as implicações e desdobramentos nas práticas pedagógicas e como essas produzem experiências que impactam diretamente a vida dos adolescentes.

A importância das estratégias e práticas pedagógicas é fundamental para problematizar o assunto, pois podem determinar a medida com que os estudantes aprendem de modo mais pleno suas ideias e questões, e na forma com que dialogam com seu dia a dia. Uma das

1 Os tabus, divergem em dois sentidos contrários. Para nós significa, por um lado, ‘sagrado’, ‘consagrado’, e, por outro, ‘misterioso’, ‘perigoso’, ‘proibido’, ‘impuro’ (FREUD, 1976).

características da sociedade brasileira é a desigualdade (IBGE, 2010) particularmente nos processos de escolarização de grupos determinados e diferenciados não só pela classe social, mas pelas assimetrias de sexualidade.

Brougère (1995), por exemplo, entende que a partir do nascimento somos ensinados a sermos meninos ou meninas, conforme as cores das roupas, os brinquedos e as brincadeiras, constituindo modos de pensar e de agir ditos apropriados e inapropriados. Tal processo termina por ser reproduzido e reforçado em lócus de reprodução pelas práticas pedagógicas, no uso no cotidiano escolar de atividades e adjetivos distintos para homens e mulheres, fragmentam os papéis sociais de gênero, isso influencia enormemente a forma como lidamos com nossa sexualidade. A adolescência é uma etapa do desenvolvimento e peculiar do ser humano, processo de maturação biopsicossocial do indivíduo, um elo entre a fase infantil e a fase adulta. Os aspectos psicológicos, biológicos, sociais e culturais do adolescente constituem um conjunto de características que proporcionam unidade ao fenômeno da adolescência. Na adolescência, com base nos 'Três Ensaio sobre a Sexualidade', de Freud (1905) não é possível determinar uma absoluta correspondência entre as eventualidades fisiológicas, psicológicas e sociais, haja vista que ocorrem em ritmos diferenciados.

Sexo e sexualidade são assuntos importantes na vida dos adolescentes, indivíduos em fase de transformação física e psicológica, constituindo assim, uma das questões primordiais nesta faixa etária. Como a literatura discute a questão da sexualidade na escola? Qual a relação efetiva entre teoria e prática pedagógica no que tange a abordagem da sexualidade no cotidiano da sala de aula? A forma como o professor trabalha a sexualidade na aprendizagem corresponde à percepção dos alunos? Essas questões levaram a problematizar as narrativas dos adolescentes da rede pública de ensino de Serra, Espírito Santo, matriculados no Ensino Médio, sobre a sexualidade e adolescência na escola?

Analisar as narrativas de adolescentes acerca de sexualidade na escola é um dos caminhos para ouvir a voz desses sujeitos, haja vista que as práticas pedagógicas transversais de educação sexual para adolescentes sofrem influência da interação de fatores biológicos, políticos, econômicos, psicológicos, éticos, histórico-cultural, entre outros.

O objetivo geral desta pesquisa consiste em investigar a percepção de estudantes do Ensino Médio sobre sexualidade e adolescência, em escola pública do estado do Espírito Santo. Contemplar esses objetivos indicou a necessidade de explorar as principais concepções teóricas sobre os aspectos históricos do conceito de sexualidade e como a cultura concebe essa questão no universo contemporâneo e no ambiente escolar.

A abordagem da sexualidade ainda é um assunto mesclado de tabu para a família e para os professores. Observou-se ao longo da pesquisa que isto pode ser um aspecto confuso para adolescentes que estão em fase de transição física e intelectual e acabam buscando informações, na maioria das vezes, em redes sociais na internet, sites ou trocando experiências com amigos próximos.

Dentre as abordagens teóricas tivemos como base teórica os Três Ensaios de Freud (1905), Aberrações sexuais, Sexualidade infantil e Transformações da Puberdade. Com a contribuição teórica de Foucault (2014), Louro (2007), Butler (2003) foi possível compreender como a relação sexualidade e adolescência se estabelece, os pontos polêmicos e as contraposições e/ou pensamentos complementares tratam as mesmas questões.

Foucault (2014, p. 244) afirma que a “sexualidade é um dispositivo histórico, uma rede através de alguns discursos/decisões que se concretizam saberes/verdades”. Mas a discussão sexualidade na escola é uma abordagem que para Louro (2007) é construída pelos indivíduos e perpassada por experiências sociais emocionais e pela singularidade de cada um ao passar por esses processos. Indo por outra linha de análise, mas que integra o debate da sexualidade, Butler (2003, p. 4) trabalha a questão do gênero, cujo conceito considera ter sido “[...] forjado como oposição ao determinismo biológico existente na ideia de sexo, que implica na biologia como um destino: o sujeito”.

Buscou-se ainda mostrar como que a temática sexualidade é abordada por Diehl e Vieira (2013), Freud (1976), Berni e Roso (2014), Ozella, (2013), entre outros, com ênfase em como suas concepções e estudos entrelaçam ideias e pensamentos sobre a sexualidade. As diferentes concepções teóricas, em alguns pontos são complementares, como por exemplo, a adolescência ser a faixa etária mais conflituosa e que sexo e sexualidade devem ser temas tratados de forma aberta no seio familiar e no ambiente escolar. Para Berni e Roso (2014, p. 5), “a duração da adolescência é de dez anos ou mais, e todo o tipo de

desenvolvimento é rápido e constante. Previamente à adolescência existe a pré-adolescência, que cobre as idades de oito a 12 anos”.

Metodologia

Os procedimentos metodológicos aplicados consistiram em pesquisa bibliográfica, no sentido de buscar informações sobre sexualidade e escola de modo a desenvolver uma reflexão a partir de diferentes concepções teóricas e pesquisa de campo no sentido de identificar a percepção dos sujeitos de pesquisa sobre adolescência e sexualidade. Articulada a pesquisa bibliográfica foi desenvolvida uma pesquisa de campo envolvendo 12 participantes com idade entre 15 e 18 anos, matriculados na EEEFM “Serra”.

O contato com os alunos foi mantido durante quatro semanas consecutivas, no laboratório de ciências da escola, por um período de 50 a 55 minutos, no qual foram debatidos os assuntos levantados nos grupos focais, sempre por uma questão disparadora e após algumas respostas, outras questões eram levantadas e debatidas pelos participantes, com pouca interferência do pesquisador. A delimitação partiu dos objetivos definidos, e entendendo que a pesquisa não poderia ter apenas um aluno do ensino médio, na definição de Gatti (2005, p. 11), o Grupo Focal:

Permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais e práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma questão, relevantes para ao estudo do problema visado.

Foram realizados quatro encontros de grupos focais na instituição de ensino, nos meses de junho e julho de 2019, com o objetivo de aprofundar e analisar as discussões. Com a proposta de preservar a identidade, os alunos foram identificados como E1, E2, E3 e assim por diante, a escola foi nomeada ficticiamente com nome de “EEEFM Serra”. Para otimizar a realização, a forma preferencial de disponibilização dos alunos em sala de aula foi em U ou em círculo, de maneira bem despojada conforme figura:

Figura 1: Registro de Grupo Focal.



Fonte: Acervo do Pesquisador (2019).

Resultados e discussão

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica ressaltam a necessidade de trabalhar o tema sexualidade transversalmente à base comum curricular, ou seja, aquilo que emana do interior cultural desses jovens, que é próprio de seu tempo e espaço. Nesse sentido, antes da apresentação dos resultados e discussão das informações coletadas, é importante destacar que na perspectiva do Ministério da Educação e Cultura (2013, p. 32).

A parte diversificada enriquece e complementa a base nacional comum, prevendo o estudo das características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da comunidade escolar. Perpassa todos os tempos e espaços curriculares constituintes do Ensino Fundamental e do Médio, independentemente do ciclo da vida no qual os sujeitos tenham acesso escola. É organizada em temas gerais, em forma de áreas do conhecimento, disciplinas, eixos temáticos, selecionados pelos sistemas educativos e pela unidade escolar, colegiadamente, para serem desenvolvidos de forma transversal.

A base nacional comum e a parte diversificada não podem se constituir em dois blocos distintos, com disciplinas específicas para

cada uma dessas partes. A pesquisa de campo enfatizou os temas inseridos no aspecto cultural dos estudantes e que estivessem contemplados e refletido em sala de aula. Na busca de conciliação dessas duas condições, o tema emergente foi a questão da sexualidade. Ademais, vivemos sob um advento da diversidade em que as reflexões contemporâneas apontam para o cenário do debate. Tais reflexões emanam de diferentes segmentos, sobretudo, o educacional que, quando assim age, materializa a problematização e a fuga das ações irrefletidas.

A maioria dos adolescentes que participou do grupo focal mostrou diversas informações acerca da sexualidade, tendo como base a facilidade de acesso à informação, a comunicação com os colegas e as contribuições mídia e da internet, contudo o pouco diálogo em família e/ou discussões no ambiente escolar, levam os mesmos a tratar a temática com base em suas experiências e no senso comum. Assim, considera-se importante para compor a percepção dos adolescentes pesquisados, apresentar como esses alunos concebem a adolescência.

Para motivar a discussão foi desenvolvido um diálogo sobre a sexualidade, uma abordagem generalizada do assunto, mas que à medida que foi se desenvolvendo a discussão, os problemas que muitos adolescentes enfrentam no dia-a-dia de sua rotina fora e dentro da escola ganhou força. E para acirrar a participação e obter respostas, deixamos a questão aberta destacando que a sexualidade tem sido tema pouco recorrente de pesquisas acadêmicas, que independente da estrutura e condição social da família e da organização da escola são assuntos que não fazem parte do cotidiano escolar. Finalizei perguntando: qual família e /ou escola não tem em seu núcleo adolescentes problemas, indivíduos com conflitos em relação a sexualidade e/ou homossexualidade.

Em seguida, foram questionados sobre a questão de ser adolescentes e percebe-se nas falas a distinção de entendimento. Para E4, por exemplo, a vantagem de ser adolescente reside no fato de não ter muita responsabilidade:

E4: É que você ainda não precisa ter tanta responsabilidade, a sociedade não vai te cobrar ser uma pessoa responsável porque é vista como adolescente, como criança ainda. A desvantagem é que você não pode fazer nada; tanto pela parte de alguns adolescentes

serem imprudentes vocês acabam sendo, mesmo que não seja tão imprudente, acaba sofrendo as consequências porque visto como criança. Então você não tem voz, você não pode resolver nada, uma coisa que as vezes poderia ser simples você vai precisar de autorização, essas coisas que acabam visando na vida. Como o adolescente é visto pela sociedade? Como criança, como inválido. Eu já escutei isso várias vezes.

Para o aluno E4 o bom de ser adolescente é ser menos cobrado pela sociedade, não ter muita responsabilidade pois apesar da idade são considerados crianças. Por outro lado, esse tratamento age como instrumento que tolhe a liberdade e os concebem imprudentes. É como destaca Schindhelm (2011), os adolescentes assim como as crianças ainda são vistos como puras e inocentes em algumas famílias e no âmbito social. Expondo um ponto de vista diferente, mas que remete à falta de confiança dos adultos nos adolescentes, o E6 enfatiza “é uma merda, eu quero resolver as minhas coisas, ter as minhas responsabilidades. Odeio depender dos outros e eu não consigo, quero marcar uma consulta no médico e ouço: quantos anos você tem?”. Por ser uma das etapas de vida mais complicada, há quem associe a desvantagem de ser adolescente à impossibilidade de satisfazer alguns desejos e vontades, como explica o E7:

Não é que bebe... por parte da minha mãe eu sou mais o santinho. Aí quando eu vou pra casa da minha tia lá em Vitória, já são outros quinhentos. Tipo assim: já sou adolescente, me considero bem responsável em algumas coisas, por exemplo, estudo, trabalho, bebida... eu sei a hora de parar... O adolescente visto pela sociedade como uma pessoa muito imatura, não sabe o que é pagar conta, não o que é cuidar de filho, cuidar das coisas. Eu acho que é assim são vistos pela sociedade.

Para E11, ser adolescente implica em não ter preocupações “como uma pessoa que mora de aluguel, você ainda não trabalha, é criança e sua mãe se preocupa com isso. Em caso de urgência, não pode fazer nada, você ainda é de menor [...]”. Nessa faixa etária, as percepções dos alunos sobre a adolescência, tema do Grupo Focal, são divergentes. Para melhor expressarem suas opiniões, nesta discussão foi pedido que destacassem por desenho, como concebiam a

questão da adolescência, obtivemos como resultado diversas ilustrações interessantes para serem analisados. O desenho de uma aluna mostra como pode ser observado na Figura 3 a interpretação dela acerca das cobranças feitas pela família e sociedade, enquanto sexo feminino na adolescência.

Figura 2 - Representação da estudante sobre o que é para ela a Adolescência.



Fonte: Aluna do ensino médio – arquivo do pesquisador (2019).

A aluna demonstra na Figura 2 que na adolescência há mais cobrança de deveres do que direitos: preocupação com estar namorando, responsabilidade, permanecer em casa, ou sem diversão e mais dedicação aos estudos. E descreve nos balões de pensamento: Você tem que estudar! Já arrumou uma namorada? Seja mais responsável! Menina não tem que ficar saindo! De forma mais explícita e aberta, E2 define ser adolescente:

[...] é o meio que tem que ser adolescente e também adulto. É a parte que você se desenvolve, começa a ter o seu aprendizado, seu verdadeiro aprendizado. Quando você tem mais experiências que você vai usar isso, essas experiências para construir o seu futuro e o seu preparo que é como você vai definir a sua personalidade, sua maneira de pensar, todas as suas coisas. Pra mim, necessariamente não tem uma idade

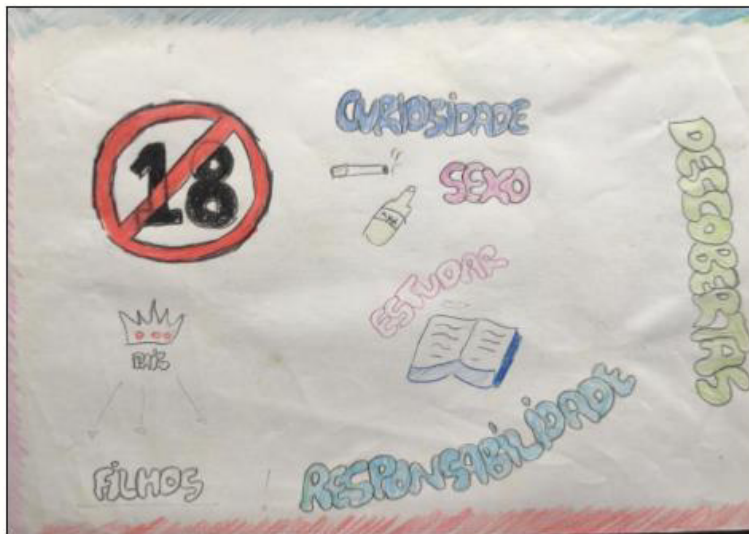
especifica pra você ser adulto. Uma idade ou uma fase de [...] (palavras não compreendidas). Eu acho que se a pessoa tiver passado por esses três pontos, já deixa de ser adolescente e passa a ser adulto. Se ela tiver vivenciando isso, já é adolescente.

O entendimento do aluno se encaixa com a literatura de Freud (1905) quando destaca que a adolescência é a fase intermediária, a passagem para a vida adulta. Sendo assim, é comum o indivíduo viver como afirma E2 metade adolescente, metade adulto.

Com o advento da puberdade, introduzem-se as mudanças que levarão a vida sexual infantil à sua configuração definitiva normal. O instinto sexual, que era predominantemente autoerótico, encontra agora um objeto sexual. Ele operava a partir de diferentes instintos e zonas erógenas, que buscavam, cada qual de forma independente, determinado prazer como única meta sexual. (FREUD, 1905 p. 121).

Nas falas dos alunos percebe-se consonância com o que diz a literatura de Bock (2004) sobre a adolescência ser a etapa de vida mais complicada, na qual o indivíduo questiona, tem dúvidas. Os adolescentes se mostram confusos, indecisos, frente as mudanças que se iniciam nessa fase da vida. É quando despertam os conflitos, questionamentos e comportamento rebelde. Observou-se que lidar com as descobertas é um ponto que se faz presente, o que pode ser observado nas representações expressas no desenho de um aluno, ilustrado na Figura 3.

Figura 3 - Representação do estudante sobre o que é para ele a Adolescência.



Fonte: Aluno do ensino médio – arquivo do pesquisador (2019).

A mensagem repassada no desenho do aluno corrobora a literatura de Pfromm Netto (1976) por corresponder a uma fase assinalada por grandes transformações físicas e psicossociais, que acarretam responsabilidades para com várias questões. Também condiz com o pensamento de Santos (1996) que enfatiza o adolescente sente a vida como uma totalidade e o tempo como um conjunto unitário e contínuo. Segundo Preuschoff (2003, p. 93) “durante a adolescência, os pais devem estar disponíveis, mantendo sempre o diálogo. Essas conversas, entretanto, raramente podem ser ‘com hora marcada’”. No ambiente do lar, os pais figuram como modelo, transformam-se em espelhos para os filhos.

O entendimento sobre sexualidade e a formação do pensamento de liberdade de escolha do indivíduo nem sempre é consoante com as determinações e imposições sociais e comportamentais impostos, também pela família. A seção seguinte discute como os alunos percebem as mudanças que ocorrem em seus corpos e órgãos genitais, o que possibilita analisar o entendimento acerca da sexualidade.

Considerações finais

Ao longo desta pesquisa buscou-se investigar as narrativas de estudantes do Ensino Médio sobre sexualidade e adolescência, em escola pública do estado do Espírito Santo, para isso 12 alunos do ensino médio, expuseram suas percepções em grupos focais, debatendo acerca de sexualidade, a partir de diferentes eixos temáticos: adolescência, transformações corporais e nos órgãos genitais, homossexualidade, sexo e sociedade e sexualidade na escola. Com essas discussões em diálogo com as teorias apresentadas, tais como a psicanálise, sociologia e filosofia, buscou-se interpretar as percepções dos adolescentes estudantes como um reflexo da vida em sociedade, uma vez que a cultura em que vivemos não nos transporta a questionar padrões e imposições produzidas pelo sistema social que interferem nas relações e na convivência de seus membros, ou seja, dos cidadãos. Por isso, é papel fundamental para a escola problematizar, tais questões em sala de aula e em todos os espaços educativos do ambiente escolar.

A partir das narrativas dos alunos foram identificados discursos que complementem ou corroboram práticas de discriminação e preconceito na sociedade, muitos discursos são repetidos reproduções da vida em sociedade, uma vez que ainda estão em construção de uma consciência individual e coletiva. Durante a discussão dos temas apontados nos grupos focais, não demonstraram ser capazes de eleger significados para o que realmente os torna sujeitos. Essa indefinição pode ser explicada pela perspectiva de Freud (1905), que ao destacar que a repressão da sexualidade na infância, adolescência e a vida adulta torna os indivíduos neuróticos e reprimidos, dificultando a liberdade de suas sexualidades.

O estudo evidenciou que os alunos do ensino médio possuem conhecimento e informações abrangentes sobre os temas discutidos, argumentam e defendem, com firmeza seus pontos de vista, apontando exemplos, contrapondo opiniões, divergindo e/ou concordando com a opinião de outros colegas de sala de aula e dos professores.

Contudo, a fundamentação ainda é baseada no senso comum e relatos de experiência individuais. As insituições de ensino precisam se preparar melhor para lidar com a sexualidade no espaço escolar, haja vista que ainda abordam essa questão de uma forma superficial e

não utilizam a interdisciplinaridade, o que poderia ampliar ainda mais a visão dos alunos. É através da sexualidade que se busca a realização pessoal e sexual, e esta realização deve ser completa, sem tabus e preconceitos, deve ser encarada naturalmente como parte que integra a vida.

Quanto a discussão da sexualidade no espaço escolar, essa questão não foi bem respondida pelos alunos, os resultados não evidenciaram claramente se os mesmos percebem a escola como espaço de debate sobre sexualidade, não foi possível descrever o entendimento deles de como se processa e/ou deveria se trabalhar a sexualidade na escola.

As opiniões mostram que os adolescentes se sentem pressionados a participar de atividades escolares, estar matriculados e apontam para o desrespeito a alguns direitos dos cidadãos, questões sociais, entre outras, entendemos assim que há grande complexidade em compreender a interação dos participantes com sua própria sexualidade no contexto social em que vivem.

Enfim, concluiu-se que a construção das narrativas dos estudantes implicados nesta pesquisa pautou-se também na história da sexualidade humana, em que a escola, família, religião, isto é, os aparelhos ideológicos sociais, agem continua e sistematicamente no comportamento dos sujeitos com a finalidade de, tornar os sujeitos reprimidos nas suas relações sociais, interpessoais e sexuais.

No entanto para Foucault (2014), não é possível estar “fora do poder”. É necessário permear as relações de poder para criar resistências, neste sentido, para tornarmos a escola um local que impulse esses sujeitos. Nós, enquanto professores, devemos ser os primeiros a nos colocar no frente da resistência, educando e ensinando de maneira a tornar a sociedade mais justa e igualitária.

Referências

BENTO, B **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Guaramond, 2006.

BERNI, V. L.; ROSO, A. A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica. **Psicologia & Sociedade**.

BUTLER, J. Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** pluralidade cultural orientação sexual, v. 10. Secretaria de Educação Fundamental, 2. Edição, Brasília, Editora, DP & D, Ministério da educação, 2000.

CALLIGARIS, C. A adolescência. **Coleção Folha Explica.** São Paulo: PUBLIFOLHA, 2000.

DAGNESE, N. **Cidadania no Armário – uma abordagem sócio-jurídica acerca da homossexualidade.** São Paulo: LTr, 2000.

DIEHL A; VIERA, D.L. **Sexualidade:** do prazer ao sofrer. São Paulo: Roca Ltda, 2013.

FREUD, S. **Três Ensaios sobre a Sexualidade.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud (v. VII). Rio de Janeiro: Imago, 1905.

__. **Totem e Tabu.** (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 13). Rio de Janeiro: Imago 1976.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2014.

GATTI, B.A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas.** Brasília: Liber Livro, 2012.

GIL, A.C. Como **elaborar projetos de pesquisa.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MINAYO, M.CS (Org.). **Pesquisa Social.** Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

NUNES, C; SILVA, E. **A educação sexual da criança:** subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

OZELLA, S. **Adolescência**: uma perspectiva crítica. 2013.

RODRIGUES, P. C.; WECHSLER, M. A. A sexualidade no ambiente escolar: a visão dos professores de educação infantil. **Cadernos de Educação**: Ensino e Sociedade, Bebedouro -SP, 1 (1): 89-104, 2014. Disponível em: <<http://bdm.unb.br>>. Acesso em ago. 2019.

SILVA E SILVA, M. O. da. Reconstruindo um processo participativo na produção do conhecimento: uma concepção e uma prática. IN: BRANDÃO, C.R. STRECK, D.R. **Pesquisa participante**: o saber da partilha. Aparecida, SP: Ideias Et Letras, 2006.

ZORNIG, S. Abu-Jamra. As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões. **Psicologia em Estudo, Maringá**, v. 13, n. 1, p. 73-77, jan./mar. Rio de Janeiro, 2008.